



Domingos Caldas Barbosa e Mme Deshoulières: a ambição da imortalidade e a fama passageira. Dois poemas esquecidos

LUIZA SAWAYA

Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal



Uma curiosa ligação une dois poetas de nomeada no seu tempo mas hoje praticamente esquecidos: Domingos Caldas Barbosa e Mme. Deshoulières.¹ Quase um século depois de sua primeira publicação, um poema da escritora francesa serviu de inspiração ao de Caldas Barbosa,² ambos aqui apresentados.

O reconhecimento do valor literário de Domingos Caldas Barbosa ainda repousa na *Viola de Lerenó* (Lisboa, 1798), obra de cunho popular que, tendo sido reeditada várias vezes em Portugal e no Brasil, permite avaliar o seu êxito e a sua sobrevivência, tanto na memória literária, como na popular. A leitura da sua obra completa³, contudo, revela aspectos importantes da biografia do autor e mostra traços literários de valor num poeta até hoje considerado menor.⁴

Desde sua chegada a Portugal em 1763, até sua morte em 1800, esteve presente no mundo editorial com várias publicações. A sua participação efetiva na Academia de Belas Letras (1790), com o pseudônimo arcádico de

Lerenó Selinuntino, talvez constitua a maior referência de sua presença na história da literatura luso-brasileira, tendo sido o principal vetor das realizações dessa agremiação.

Seus dotes poéticos se evidenciam no *Almanak das Musas*⁵ que, entre 1793 e 1794, Caldas Barbosa publica, mediante subscrição pública. Nunca reeditado, é ainda hoje considerado obra menor. Impresso em quatro opúsculos, este almanaque possui, entre outros, o mérito de reunir o maior conjunto de poetas eruditos portugueses do final do século XVIII, muitos dos quais pertencentes à Academia de Belas Letras, ou Nova Arcádia. O *Almanak das Musas* garantiu a estreia de muitos desses poetas cujas produções foram aí publicadas pela primeira vez. Responsável por aglutinar esse *corpus* que, provavelmente, estaria hoje disperso, o *Almanak das Musas* também reúne o maior número de poemas eruditos de Caldas Barbosa, permitindo uma avaliação justa de sua produção poética.

A realização desta obra demonstra claramente o aspecto visionário e de bom empreendedor, além do espírito de liderança do Poeta, consciente de que o prelo seria a garantia de sobrevivência das obras poéticas, suas e de seus colegas. Assim afirma no primeiro quarteto do soneto de abertura do *Almanak das Musas*:

Versos, qu' Amor, e qu' a Razão ditara
A ternos Vates, qu' a Amizade unira,
Ide girar por onde livre gira
Prole, a qu' a vida o prelo dilatara:⁶

Dentre os poetas presentes no *Almanak das Musas*, Caldas é o mais significativo pois, além de ser o seu idealizador, foi também o seu coordenador. Sob a égide de Horácio, essas composições do nosso poeta são o contraponto da *Viola de Lerenó*, sua obra de cariz popular. Conhecido já por algumas composições eruditas, como as anteriormente citadas, o Poeta supera-as em qualidade nos quarenta e três poemas publicados no *Almanak das Musas*.

¹ Antoinette Du Ligier de la Garde Deshoulières (Paris, 1638-1694), chamada a “10ª Musa” ou a Caliope de França, considerada por Voltaire como a melhor poetisa francesa. Dedicou-se à obra dramática e poética da qual apenas os “Idílios” sobreviveram. Sua obra completa foi publicada em 1695 e 1747.

² “Reflexions morales sur l’envie immoderé de faire passer son nom à la posterité” apud *Poésies de Madame Deshoulières*, Jean Villette, Paris, 1695.

“Tradução de uma Carta melancólica de Mme. Des Houlières a uma Senhora, que pertendia ser Poeta”, apud *Almanak das Musas*, Volume II, Parte 3, Oficina e Antonio da Silva, Lisboa, 1793. Ortografia atualizada do nome da escritora: “Deshoulières”.

³ “Coleção de Poesias feitas na feliz inauguração da Estátua Equestre de El Rei Nosso Senhor Dom José I em 6 de junho de 1775”; “Nas felicíssimas núpcias do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Antonio de Vasconcelos, Conde da Calheta, com a Exceletíssima Senhora D. Mariana de Assis Mascarenhas: Epitalâmio”(1777); “A doença” (1777); “Recopilação dos sucessos principais da História Sagrada: em verso pelo Beneficiado Domingos Caldas Barbosa, Capelão da Casa de Suplicação” (1776, reeditado em 1793).

⁴ Ver: Sawaya, Luiza, Dissertação de Mestrado “Para Além da Viola de Lerenó” disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5442>>.

⁵ *Almanak das Musas, oferecido ao Genio Portugues*, Volume I, Oficina de Felipe José de França, 1793 / Volume II, Oficina e Antonio da Silva, 1793-1794, Lisboa.

⁶ Barbosa, Domingos Caldas (1793 : Tomo I, p. 3).

Além do soneto de abertura do *Almanak das Musas*, esta obra inclui dois outros poemas em que Caldas se interessa pela posteridade: a “Tradução da Ode I de Horácio a Mecenas em que o poeta mostra desejar apenas a glória da poesia, principalmente da lírica”,⁷ e a “Tradução de uma Carta melancólica de Mme. Deshoulières a uma senhora, que pretendia ser poeta”.⁸ Ao traduzir esta ode, Caldas terá certamente querido tomá-la como referencial para a sua própria obra pois, dentre as odes horacianas, é a única que aborda o desejo de posicionamento dos poetas líricos ao lado dos deuses eternos, garantindo-lhes com isto a imortalidade.

Na segunda parte do volume de poesias de Mme. Deshoulières, encontra-se o poema “Réflexions Morales sur l’Envie Immodéré de Faire Passer son Nom à la Posterité” que provavelmente está na origem da “tradução” realizada por Caldas, atribuindo às reflexões da poetisa o caráter de uma carta. Essa obra constitui, na verdade, um metapoema em que Caldas Barbosa apresenta as suas reflexões sobre a criação poética e as suas críticas ao *métier* de poeta enquanto Mme. Deshoulières mantém um discurso de cariz filosófico, ambos norteados pela imortalidade. Nesse contexto, é provável que esta adaptação de Caldas ao poema de Mme. Deshoulières representasse um complemento da que fez da *Ode I* de Horácio. Ao invés de uma tradução literal, Caldas reescreve ambos os poemas para exprimir a sua visão da imortalidade.

O poema em análise apresenta uma clara intertextualização na medida em que Caldas entrelaça a sua pessoa com a das demais personagens por ele criadas, todas ligadas entre si pelo tema da imortalidade: Mme. Deshoulières, a Senhora desejosa de se tornar poeta e Amaranto. Nas “Reflexions”, Mme. Deshoulières discorre em tom de *Adagio sostenuto*, conformada com a certeza da imortalidade de sua obra que, diz ela: “Tandis que j’erreraï sur les sombres rivages [...] plaire et durer toujours / Est le destin de ses ouvrages.” (v. 11-12) Por seu lado, Caldas, em andamento *Allegro ma non troppo*, argumenta com a Senhora que deseja ser poeta que essa profissão traz muitos desgostos. Dá-lhe o nome de Amaranto,⁹ fazendo referência à fábula sobre a permanência no tempo.

Caldas Barbosa perfilha a concepção que difere da expressa pela escritora francesa: para ela a imortalidade é fato consumado; para ele, uma preocupação inquietante.

Marcas de intertextualidade se evidenciam nas citações esparsas das “Reflexions” de Mme. Deshoulières no poema de Caldas que as inclui nos seus versos como fios de uma trama sobre a qual tece as suas próprias considerações. Em oposição a Mme. Deshoulières, como já referido, Caldas faz uso de personagens que representam facetas dele próprio. Como poeta e pensador, sobrepõe-se a Mme. Deshoulières; seus anseios de imortalidade estão representados na pretensa senhora que deseja ser poeta; Amaranto resume a sua aspiração de obter reconhecimento duradouro em lugar de uma glória fugidia.

Segundo Mme. Deshoulières, a “aveugle et fatale faiblesse”¹⁰ do ser humano o impede de aceitar os ensinamentos da sabedoria e o faz procurar enganar a morte ao tentar manter viva uma centelha qualquer. Esta visão capciosa é a fonte das preocupações que destroem o homem num ato de vaidade extrema, pois “quand nous descendons dans ces demeures sombres / La gloire ne suit point nos ombres, / Nous pardons pour jamais tout ce qu’elle a de doux.”¹¹

Caldas Barbosa sutilmente estabelece um paralelo e um contraponto entre ele e Mme. Deshoulières. Ela teve nascimento ilustre, ele não. Ambos são aquinhoados por seu gênio e desejavam apenas usufruir do próprio talento. O *status* de poeta, por vezes glorioso, é visto pelos dois como produtor de grande opressão, gerando infelicidade.

Mme. Deshoulières mantém-se, contudo, no âmbito das reflexões filosóficas, ao passo que Caldas Barbosa examina aspectos práticos do *métier* de poeta à luz de sua própria biografia. Ele se julgava preparado e conhecedor, dado que seu saber era fruto de sólido estudo. Na sua “tradução”, alude ressentidamente à sua convivência com poetas falsos e pedantes (v. 19), pretensiosos (v. 24), invejosos e dissimulados (v. 39-40), ignorantes (v. 74 a 81) que estão em implícito contraste com ele e injustamente obtinham o reconhecimento que lhe era negado.

Com seu espírito crítico e numa clara alusão à sociedade em que vivia, Caldas refere-se às plateias soberbas e despreparadas que, desconhecendo o teor dos versos declamados e sem nada deles compreenderem, simulavam haver tudo entendido, tornando-se ainda, sem conhecimento de causa, os juízes mais críticos de um autor (v. 82 a 89). Conclui o seu pensamento com amargura, ao dizer: “Por dois bonitos toda a obra é boa, / E toda é má se um verso mal lhe soa” (v. 90-91).

Este desalento perpassa nos seus versos quando adverte a Senhora desejosa de ser sábia sobre o desgosto que acompanha a glória do reconhecimento. Mme. Deshoulières, por seu lado, aponta a luta constante do homem entre a sabedoria e o amor-próprio na busca da sobrevivência eterna, uma ilusão que impede o usufruto do presente (v. 18 a 25). Ambos concordam, contudo, que a glória está atrelada à infelicidade. Ser virtuosa, diz

⁷ Barbosa, Domingos Caldas (1793 : Tomo II, p.3).

⁸ Barbosa, Domingos Caldas (1793 : Tomo II, p. 95).

⁹ Referência à fábula de Esopo “A Rosa e o Amaranto”. Com o nome popular de Perpétua (*Gomphrea globosa*), mantém seu porte, suas folhas, suas flores e sementes com sua cor por longo e indeterminado tempo. A fábula o compara à rosa que explode em beleza tão logo floresce mas suas pétalas, mal se abrem, caem e ela perece. Conclui o fabulista que é melhor ter vida longa sempre jovem do que viver o fulgor extremo mas que não perdura.

¹⁰ Deshoulières, *Réflexions Morales*: Ver poema em anexo, v. 16.

¹¹ Deshoulières, *Réflexions Morales*: Ver poema em anexo, v. 86 a 88.

o Poeta à Senhora, equivale a “em vão pertenderes ser ditosa.” (v. 10); em contrapartida, Mme. Deshoulières se esforça por dar conselhos úteis ao tentar “détruire en lui [dans l’Homme] ce fonds de vanité / Qui ne lui peut laisser aucuns moments tranquilles” (v. 156 a 158).

O Poeta garante à discípula que “Jamais em tal perigo espero ver-me, / Que eu fugirei a néscia multidão” (v. 59-60), enquanto Mme. Deshoulières argumenta: “Aveugle pour lui seul ne peut-il discerner / Quand il n’est question que de se gouverner, / Le faux bien du bien véritable?” (v. 132 a 135). A liberdade de escolha está sempre patente mas o orgulho humano é cego, não a vê, e sucumbe à busca da imortalidade.

Para Caldas Barbosa “O vão desejo de uma fútil glória, / [...] dá muito pesar, pouco prazer”, enquanto para Mme. Deshoulières o “Fol orgueil! [...] / Aveugle et fatale faiblesse! [...] Cette agréable erreur est la source des soins / Qui dévorent le coeur des Hommes.” (v. 15-16; 24-25). Procura-se felicidade e encontra-se desgosto.

Caldas considera-se prisioneiro do que lhe reservou o destino: “Ninguém se rege a si, o esforço é vão, / É mui violenta a nossa inclinação. / Fiz verso dantes de ter conhecimento / Do mal, que causa este fatal talento.” Mme. Deshoulières não se queixa dos grilhões da criação poética, mas confessa sua submissão ao desejo de glória, não possuindo, portanto, autoridade para “guérir les mortels de cette vieille erreur, / Qu’ils aiment jusqu’à la fureur, / Si moi qui la condamne ai peine à m’en défendre” (v. 163 a 166).

Examinadas as diversas vertentes “desta pronosticada desventura”¹² – a busca incessante do reconhecimento eterno –, Mme. Deshoulières, constata sua impotência para curar os mortais deste erro que eles amam até a loucura e admite que “Nous crions dans tous nos discours / Contre les passions, les faiblesse, les vices, / Où nous succombons tous les jours”. Caldas Barbosa, com a autoridade de saber-se poeta e perseguidor da glória, pondera com veemência à sua discípula: “Não, não vos apliqueis a estudo tal, / Qu’è concorrerdes para o vosso mal.”¹³

Embora vítimas de muitos desenganos, ambos os poetas tiveram consciência do seu desejo de reconhecimento pelos pósteros. Nascida em berço de ouro, Mme. Deshoulières obteve pleno reconhecimento contemporâneo, mas não se preocupou com a publicação de suas obras. Nascido, ao contrário, numa “manjedoura” e tendo ainda a desvantagem de ser mulato, Caldas abriu seu caminho para a desejada glória, valendo-se de seus dons de improvisador, de sua competência, de seus conhecimentos, de sua erudição e de seu carisma. Teve sempre consciência da necessidade de garantir a imortalidade através da publicação de sua obra.

Um século separa os dois poemas aqui comparados, demonstrando que a preocupação do homem quanto à imortalidade é inerente à sua natureza: “Il n’est chagrin, travail, danger, adversité / A quoi les mortels ne s’exposent / Pour transmettre leurs noms à la postérité!”¹⁴

Mme. Deshoulières foi esquecida, enquanto Caldas Barbosa foi posteriormente relegado à categoria de poeta menor, para o que, no seu caso, concorreram o forte preconceito contemporâneo e o desconhecimento de sua obra completa. Uma visão parcial da sua obra e um erro de perspectiva na sua avaliação crítica julgaram a *Viola de Lerenó* como obra de cunho horaciano e a sua obra erudita editada no *Almanak das Musas*, como de cunho popular. Tal percepção impediu um julgamento justo da sua qualidade como homem de letras.

A obra de Mme. Deshoulières teve publicação póstuma e apenas alguns idílios garantem a sua memória literária, inscrevendo-a na posteridade, tema das suas “Réflexions Morales”. Caldas Barbosa, entretanto, igualmente preocupado com o reconhecimento na posteridade, conseguiu ver editadas todas as suas obras em vida. O prelo foi a garantia da imortalidade, Caldas tinha razão. Séculos depois de publicadas, as respectivas obras desses dois poetas ainda podem ser lidas e apreciadas, fato que consagra ambos à imortalidade tão discutida em seus versos.

¹² Barbosa, *Tradução*: Ver poema em anexo, v. 116.

¹³ Barbosa, *Tradução*: Ver poema em anexo, v. 136-137..

¹⁴ Deshoulières, *Réflexions Morales*: Ver poema em anexo, v. 39-41.

ANEXO: Poemas de Mme. Deshoulières e de Domingos Caldas Barbosa (cont.)

Reflexions Morales sur l'Envie Immoderé de Faire Passer Son Nom à la Posterité	Tradução de uma Carta melancólica de Mme. Deshoulières⁽¹⁾ a uma Senhora, que pretendia ser Poeta
<p>Il est vrai que ces espérances Ont quelquefois servi de frein aux passions. Que par elles les lois, les beaux Arts, les Sciences, Ont formé les esprits, poli les Nations, Embelli l'Univers par des travaux immenses, Et porté les Héros aux grandes actions. 55 Mais aussi combien d'impostures, De Sacrilèges, d'attentats, D'erreurs, de cruautés, de guerres, de parjures, A produit le désir d'être après le trépas 60 L'entretien des races futures! Deux chemins différens et presque aussi battus Au temple de Mémoire également conduisent Le nom de Penelope et le nom de Titus Avec ceux de Medée et de Neron s'y lisent. 65 Les grands crimes immortalisent Autant que les grands vertus.</p> <p>Je sais que la gloire est trop belle Pour ne pas inspirer de violens désirs. La chercher, l'acquérir, et pouvoir jouir d'elle 70 Est le plus parfait des plaisirs. Oui, ce bonheur pour l'Homme est le bonheur suprême Mais c'est là qu'il faut s'arrêter, Tout charmé qu'il en est, à quelque point qu'il aime, Il a peu de bon sens quand il va s'entester 75 De la vanité de porter Sa gloire au delà de lui-même, Et quand toujours en proie à de désir extrême Il perd le temps de la goûter.</p> <p>Encor si dans les champs que le Cocite arrose 80 Dépouillé de route autre chose, Il était permis d'espérer De jouir de sa Renommée, Je serais bien moins animée Contre les soins qu'on prend pour la faire durer. 85 Mais quand nous descendons dans ces demeures sombres La gloire ne suit point nos ombres, Nous perdons pour jamais tout ce qu'elle a de doux. Et quelque bruit que le mérite 90 La valeur, la beauté, puisse faire après nous; Hélas? on n'entend rien sur les bords du Cocite!</p> <p>Par où donc ces grands noms d'illustres, de fameux, Après quoi les mortels courent toute leur vie Avides de laisser un long souvenir d'eux Doivent-ils faire tant d'envie? 95 Est-ce par intérêt pour d'indignes neveux Qui seuls de grands noms jouissent? Qui ne les font valoir qu'en des discours pompeux, Et qui toujours plongez dans désordre affreux Par des lâchetés les flétrissent? 100</p>	<p>Ides ver ao Teatro um Drama novo, 50 Para vós olha o Povo, O Autor tem em vós a vista fita, E nos vossos meneios só medita: Por vós está alerta, E se ao gosto da gente não acerta, 55 Do que se diz do Drama sois culpada, A risco de sofrer a Musa irada.</p> <p>Mas podeis responder-me: Não tenhas esse medo inútil, vão; Jamais em tal perigo espero ver-me, 60 Que eu fugirei a néscia multidão:</p> <p>É verdade: porém como se evita A raiva, com que espreita a Corte inquieta A uma mulher discreta? Como lhe há de escapar, quem nela habita? 65 Aí o mesmo ar, que se respira Traz contra quem escreve inveja, e ira.</p> <p>Não é coisa de riso: estamos todos Forçados a viver, como escondidos. Apenas de alguns modos 70 Publica em seus bramidos A Deusa faladora, Que da Lira tirais a voz sonora; Os homens, e as mulheres fogem, tremem 75 Mulheres, e homens responder-vos temem.</p> <p>Há gênios bem adversos, Que não sofrem escusas, E cuidam, que quem tem trato co'as Musas, Só sabe fazer versos. Quanto ministra a Fábula à Eloquência 80 E da história se aprende! Sofrem com impaciência E o saber mais do que eles os ofende.</p> <p>Vendo-os num ar soberbo, e presumido, Que afetam escutando 85 Verso, que para eles não é lido: Talvez se estão bons votos esperando: Ninguém se fie desta farsa usada; Porque umas vezes não escutam nada: E muitas vezes mais nada compreendem: 90 E assim acusam uns, outros defendem. Por dois bonitos toda a obra é boa, E toda é má se um verso mal lhe soa.</p> <p>Torpe desolação, jogos proscritos São seu estudo fero, 95 E eles falam de Homero, E de Horácio, e comparam seus escritos.</p>

Notas:

(1) Para preservar a métrica, manteve-se a forma original e não a atual "leem".

(2) De acordo com o original, por ser a forma usual segundo o Dicionário de Rafael Bluteau (1789).

ANEXO: Poemas de Mme. Deshoulières e de Domingos Caldas Barbosa (cont.)

Reflexions Morales sur l'Envie Immodéré de Faire Passer Son Nom à la Posterité	Tradução de uma Carta melancólica de Mme. Deshoulières⁽¹⁾ a uma Senhora, que pretendia ser Poeta
De ces heureux Mortels qui n'ont point eu d'égaux Tel est l'ordinaire partage. Traitez par la nature avec moins d'avantage Que la plupart des Animaux, Leur Race dégénère, et l'on voit d'âge en âge En elle s'effacer l'éclat de leurs travaux. 105 Des choses d'ici-bas c'est le vrai caractère Il est rare qu'un fils marche dans le sentier Que suivait un illustre père. Des mœurs comme des biens on n'est pas héritier. 110 Et d'exemple on ne s'instruit guère.	Confundem dum, e doutro a Poesia Tão conhecidos como tão dif'rentes, E as obras excelentes 100 Tratam como quimera, e zombaria. Inimigos cruéis de língua estranha: Têm a sua ignorância por façanha. Ainda tem a Corte alguns Senhores, Que mais piedade tendo 105 Se ostentam generosos Protetores Da ciência, que está quase morrendo.
Tandis que le Soleil se lève encor pour nous, Le [ilegível] conviens que rien n'est plus doux Que de pouvoir sûrement croire, Qu'après qu'un froid nuage aura couvert nos yeux 115 Rien de lâche, rien d'odieux, Ne fouillera notre mémoire. Que regrettez par nos amis Dans leur cœur nous vivrons encore; Pour un tel avenir tous les soins sont permis. 120 C'est par cet endroit seul que l'amour propre honore Il faut laisser le reste entre les mains du fort, Quand le mérite est vrai, mille fameux exemples On fait voir que le temps ne lui fait point de tort, On refuse aux vivans des Temples 125 Qu'on leur élève après leur Mort.	Mas quanto há de durar gente tão boa? Ah! Que eu já tremo! Eu sinto o sangue frio. Láquesis, que a nenhum mortal perdoa, Levanta o golpe contra o débil fio. 110 Que fareis vós então! Haveis de envergonhar-vos? Confundir-vos? Bela Amaranto, cantareis em vão, Sem que uma só pessoa queira ouvir-vos. 115
Quoi l'Homme le chef-d'œuvre à qui rien n'est semblable! Quoi l'Homme pour qui seul on forma l'Univers! Lui, dont l'œil a percé le voile impénétrable Dont les arrangements et les ressorts divers 130 De la Nature sont couverts! Lui, des Lois et des Arts l'inventeur admirable. Aveugle pour lui seul ne peut-il discerner, Quand il n'est question que de se gouverner, Le faux bien du bien véritable? 135	Mais de un exemplo triste vos segura Desta pronosticada ⁽²⁾ desventura. A moda está passada: Já o saber a todos desagrada. Gente discreta para nada serve. 120 Fazei que se conserve Destas fatais verdades a memória, Qu'ela pode vencer O vão desejo de uma fútil glória, Que dá muito pesar, pouco prazer. 125
Vain reflexion! inutile discours! L'Homme malgré votre secours Du frivole avenir sera toujours la dupe, Sur ses vrais interêts il craint de voir trop clair. 140 Et dans la vanité qui sans cesse l'occupe Ce nouvel Ixion n'embrasse que de l'air. N'être plus qu'un peu de poussière Blesse l'orgueil dont l'Homme est plein, Il a beau faire voir un visage serein, Et traiter de sang froid une telle matière. 145 Tout dément ses dehors, tout sert à nous prouver, Que par un nom célèbre il cherche à se sauver D'une destruction entière.	Crede que eu bem o chego a conhecer; E jamais na Hipocrene eu beberia A ter a liberdade de escolher. Mas ó dos nossos Fados Lei impia! Ninguém se rege a si, o esforço é vão, 130 É mui violenta a nossa inclinação. Fiz verso dantes de ter conhecimento Do mal, que causa este fatal talento.
Mais d'où vient qu'aujourd'hui mon esprit est si vain? Que fais-je! et de quel droit est-se que je censure 150	Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço, Co'o infeliz talento, que aborreço; 135 Não, não vos apliqueis a estudo tal, Qu'ê concorrerdes para o vosso mal.
	Lereno Selinuntino

Notas:

(1) Para preservar a métrica, manteve-se a forma original e não a atual "leem".

(2) De acordo com o original, por ser a forma usual segundo o Dicionário de Rafael Bluteau (1789).

ANEXO: Poemas de Mme. Deshoulières e de Domingos Caldas Barbosa (cont.)

**Reflexions Morales sur l'Envie Immodéré de Faire
Passer Son Nom à la Posterité**

Mais d'où vient qu'aujourd'hui mon esprit est si vain? Que fais-je! et de quel droit est-se que je censure Le goût de tout le genre humain, Ce goût favori qui lui dure Depuis qu'une immortelle main Du ténébreux chaos a tiré la Nature? Ai-je acquis dans le monde assez d'Authorité Pour rendre mes raisons utiles, Et pour détruire en lui ce fonds de vanité Qui ne lui peut laisser aucuns momen[t]s tranquilles? Non, mais un esprit d'équité A combattre le faux incessamment m'attache, Et fait qu'à tout hasard j'écris ce que m'arrache La force de la vérité.	150
Hé comment pourrais-je prétendre De guérir les mortels de cette vieille erreur, Qu'ils aiment jusqu'à la fureur, Si moi qui la condamne ai peine à m'en défendre Ce portrait dont Apelle aurait été jaloux Me remplit malgré moi de la flatteuse attente. Que je ne saurais voir dans autrui sans couroux. Faible raison que l'Homme vante Voilà quel est le fond qu'on put faire sur vous! Toujours vains, toujours faux, toujours pleins d'injustices. Nous crions dans tous nos discours Contre les passions, les faiblesses, les vices, Où nous succombons tous les jours.	165 170 175

Recebido: 27 de fevereiro de 2013
Aprovado: 06 de abril de 2013
Contato: ls@luizasawaya.com